

Escravidão e democracia em *Manderlay*, de Lars Von Trier (Din/Hol, 2005)

Ednei de Genaro¹ e Cristiane Pires Braga²

Resumo:

Constituímos um artigo que analisa a obra fílmica *Manderlay*, de Lars Von Trier. O filme nos ensina a entender e debater a problemática da transição do sistema escravista para o democrático nos EUA. Trier alcança uma abordagem bastante sutil e crítica da questão. Realizamos, pois, uma interpretação dela e, oportunamente, ponderamos brevemente por meio dos fatos da historiografia que versam sobre a abolição da escravidão em terras americanas, comprovando a forte relação do filme com a realidade histórica.

Abstract:

The article analyzes the work of film *Manderlay*, Lars Von Trier. The film brings about the understanding and discuss the problem of transition from slavery to a democratic system in the U.S.. Trier achieves a rather subtle and critical issue. We conducted, therefore, an interpretation of it and in due course by briefly ponder the facts of history that deal with the abolition of slavery on American soil, proving the influence of the film with historical reality.



“Restava ainda a senzala dos tempos do cativo. Uns vinte quartos com o mesmo alpendre na frente. As negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a rua, como elas chamavam a senzala. E ali foram morrendo de velhas. Conheci umas quatro: Maria Gorda, Generosa, Galdina e Romana. O meu avô continuava a dar-lhes de comer e vestir. E elas a trabalharem de graça, com a mesma alegria da escravidão”.

(REGO, José Lins do, *Menino de engenho*.)

Rio de Janeiro. José Olympio, 62ª edição, 1995 (cap. 22, p. 38).

¹ Mestre em Sociologia pela UFSC; Doutorando em Comunicação pela UFF.

² Graduando em História pela Unicamp.

Estado de Alabama, Estados Unidos, ano de 1933. A escravidão oficialmente encerrada há mais de meio século em todo território deste país que foi pioneiro em todos os grandes estandartes da modernidade ocidental: na independência do regime colonial, na constituição da democracia moderna, na fundação dos avançados empreendedorismo e liberdade econômica capitalista. Porém, neste estado do Alabama, em uma fazenda latifundiária, as coisas continuam as mesmas. A roda da história volta cem anos.

O contexto descrito acima é o do filme de Lars Von Trier, o segundo de uma prometida trilogia sobre a história dos EUA³, que nos expõe um enredo bastante intrigante, reflexivo e polêmico. Como poderíamos explicar que um sistema escravocrata perpetuasse mais de setenta anos após a abolição?⁴ A pergunta se revela, logo após, bastante ingênua. Ora, o filme quer retratar e interpretar o ambiente de preconceito e segregação racial do sul dos EUA, isto é, um dos lugares que mais se destacaram pelo fervor e ódio contra os negros no mundo todo.

A fazenda latifundiária "Manderlay" é, pois, o lugar emblemático para discutir algo que acreditamos ser o eixo do filme: a relação entre a democracia e a escravidão nas sociedades modernas do início do século XX.

Como se sabe, foi aos trancos e barrancos que a fundação real da democracia americana se estabeleceu. Sem dúvida, muito falta. No momento em que os EUA vivem um clima de euforia por conta da eleição do primeiro presidente negro (que é, sem dúvida, um acontecimento marcante), é preciso, porém, ter precaução para tomar consciência do problema da discriminação racial. O filme é, neste sentido, muito bem-vindo para ir contra a euforia que elimina as raízes históricas dos problemas contemporâneos.

Na Manderlay de 1933, no entanto, as coisas andavam pouco. Ou melhor, não andavam. A escravidão continuava como um microcosmo eternizado. Até que a personagem principal do filme, a moça Grace, de índole cristã e dos valores democráticos do Tio Sam, conhece a fazenda.

Grace, dispondo das armas e poder (paralelo e corrupto) de seu pai, chefe gangster, frustra-se por haver 'libertado' os negros e eles não terem abandonado o local. No mesmo momento, a morte da velha senhora dona da fazenda acontece. "The old devil", como diz uma negra, jaz no leito e, para surpresa de Grace, os negros ficam apavorados com a situação e passam a pedir ajuda. O negro culto da fazenda dirá: "Eu tenho medo do que irá acontecer agora". A moça então decide ficar e redimir a cartilha democrática no local.

Eis acima, um resumo do argumento principal do filme. Grace torna-se a porta-voz das liberdades democráticas: da liberdade de expressão, do debate, do voto, do livre-arbítrio, do trabalho dignificante e remunerado, da vida regida pela igualdade e justiça, da tolerância às diferenças, do direito aos jovens terem suas preferências profissionais e artísticas etc. Um mundo melhor parece se mostrar ali.

³ O primeiro é "*Dogville*" (DIN/EUA, 2003). "*Manderlay*" é realmente uma continuação do primeiro filme, permanecendo assim as viagens de Grace em companhia de seu pai gangster pelo interior dos EUA. "*Washington*" é apontado pelo cineasta como o filme que fecha a trilogia.

⁴ Nos EUA a abolição da escravatura havia sido promulgada pelo congresso em 1862.

Ocorre, no entanto, que o alentado volume de ideais e utopias que Grace impõe vai aos poucos despencando conforme vem à tona o contexto real da vida e costumes destes negros libertos. Para nós, a revelação de Grace para o mundo psicossocial que continua oprimindo e determinando o caráter destes negros é o momento clímax do filme. Momento em que, enfim, aparece uma verdadeira interpretação da relação entre a democracia e a escravidão na sociedade americana no início do século XX.

A questão de como se dava a manutenção e estabilidade da dominação senhorial é um problema recorrente e primordial na história da escravidão na América. Lars Von Trier tem total noção das relações de poder micro e macro que estão envolvidas neste problema. Deste modo, não encontramos uma visão escatológica ou estereotipada. Ao contrário, os vários poderes simbólicos são magistralmente destacados e são estes que se tornam trágicos, quando desvelado por Grace.

Podemos perguntar: há apenas uma constante passividade dos negros na fazenda? Por que os negros deixaram de lado a luta, a resistência, a insurreição? Em *Manderlay*, a exploração desta questão origina curiosidades. Os escravos estavam determinados a aceitar a submissão em troca da sobrevivência, da reprodução mitigada da vida, uma vez que, em primeiro lugar, a diferença era enorme entre o horizonte da liberdade que lhes foram concedidas e a realidade efetiva, racista e conservadora, da cultura americana; e os faziam ainda permanecer excluídos (não por menos, os negros viriam, mais tarde, formar os guetos urbanos).

Ora, a idealista Grace não poderia, por decreto, implantar a democracia naquele microcosmo. Os negros, execrado na pouca instrução e ilhados em uma fazenda, faziam dali seus asilos. Assim, o fenômeno mais terrível aparece. Os próprios negros, tendo como o mentor o senhor Wilhem, o negro culto 'falante', redigem as regras de condutas e leis que objetivará perpetuar a escravidão na fazenda. Há mesmo, na denominada *Mam's Law*, um levantamento e uma meticulosa descrição das personalidades de cada negro da fazenda com a finalidade de controle social.

Repetimos então a pergunta: há apenas uma passividade dos negros na fazenda? Obviamente, não. Os negros, presos no impasse e tristeza que tornaria viver a tão idolatrada liberdade em um país que, na realidade, ainda não oferecia uma mínima dignidade econômica e cultural, resolvem "auto-corromper". É deste nó, triste e elétrico, que sobressai a narração do conto-filme.

Uma reflexão interessante e pertinente nos vem de uma passagem de "*O Abecedário de Deleuze*", de Gilles DELEUZE (1997): "Há um especialista húngaro chamado Tökel, que fez um estudo sobre a elegia chinesa no qual mostra que a elegia chinesa é, acima de tudo, animada por aquele que não tem mais estatuto social, um escravo livre. Um escravo ainda tem um estatuto, por mais desgraçado que seja. Pode ser infeliz e espancado, mas tem um estatuto social. Mas há períodos em que o escravo livre não tem estatuto social, ele está fora de tudo. Deve ter sido assim para a geração dos negros na América com a abolição da escravidão. Quando houve a abolição ou então na Rússia, não tinham previsto um estatuto social para eles e foram excluídos. Interpretam erroneamente como se eles quisessem voltar

a ser escravo! Eles não tinham estatuto. É neste momento que nasce o grande lamento. Mas não é pela dor, é uma espécie de canto e é por isso que é uma fonte poética”.

Ao contar com fatos marcantes da história dos EUA, a situação entre o fim do século XIX e início do século XX, era pior do que a refletida por Deleuze. Longos e influenciadores estudos na área de fisiologia humana queriam colocar os negros não apenas fora do estatuto social, mas também do estatuto científico. Julgavam a inferioridade da ‘raça negróide’ sobre a ‘raça caucasiana’ e alocavam os negros como naturalmente incapacitados de tornar-se “civilizados”⁵.

No filme, as pistas para pensar a questão da ausência de estatutos estão não somente no filme, mas no documento fotográfico exposto ao final. Um olhar atento a este documento percebe-se como o cineasta tenta enfatizar as dificuldades e ambigüidades em que os negros ficaram submetidos: ora retratados servindo docilmente como soldado raso nas guerras, ora se manifestando e hasteando fogo contra prédios repressores.

A democracia, que atualmente é um dos maiores “orgulhos americanos”, foi (muito mais do que agora) um campo de intensos movimentos antagônicos e violentos. Manderlay faz pensar o quanto que a análise da democracia real é aqui o que mais importa e expressa toda a complexidade. Por meio do preconceito racial, verdadeiros golpes contra a democracia foram dados no século XX (o movimento mais conhecido foi a organização racista Ku Klux Klan). Ora, desde Alexis Tocqueville, no século XIX, a aventura de estudar a democracia pela realidade sócio-política dos EUA se mostrou oportuna para a realização de uma fina análise das mentalidades e os problemas sociais do povo americano – que vão além da análise grandes textos dos Federalistas.

Cabe notar que em nosso país (e em muitos outros países latino-americanos), a relação entre a democracia e a escravidão também foi difícil. Na literatura, conforme notamos em epígrafe, vários autores como Graciliano Ramos e José Lins do Rego narraram o problema. No mesmo momento em que o Brasil proclamava a República e abolia a escravidão, as coisas ficavam claras que os processos de abolição da escravatura não iam ser acompanhados do fim da exploração da mão-de-obra dos negros. Isto se explica pelos tratamentos apenas ajustados aos ideais revolucionários e humanistas da Europa: não havia algo que ultrapassasse a dimensão jurídica – que alcançasse as dimensões econômicas, culturais, sociais. Assim os negros, em muitos casos, permaneciam como se ainda existisse a escravidão.

Porém, como é conhecido, na história do Brasil, Gilberto Freyre, no livro “Casa Grande e Senzala”, tornou emblemático sua magistral e polêmica interpretação de que os rumos da escravidão eram determinados pela relação paternalista entre os senhores e escravos, que minimizavam a existência de conflitos e marcavam o caráter harmonioso entre o senhor bondoso e o escravo dócil e submisso⁶.

⁵ Sobre isso, indicamos aqui o interessante documentário, divididos em três partes, “*Race: the power of illusion*” (EUA, 2003, 56 min).

⁶ Cumpre lembrar, enfim, que em recente obra, “O povo brasileiro”, Darcy Ribeiro realiza uma significativa contraposição ao pensamento de Freyre sobre a escravatura. Os negros, sob um sistema de

Mas, voltemos, ao filme e aos EUA. Trier não deixa de ter forte relação com a história real dos EUA. Alguns fatos marcantes da historiografia relevam isto.

No momento da abolição da escravidão ocorreu, sob a divisão norte/sul dos EUA, a Guerra Civil Americana – também chamada de Guerra de Secessão (1861-1865). O conflito se deu basicamente pelo desentendimento entre o sul do país, formado por um conjunto de estados escravistas e de economia agrária, voltados principalmente para a produção do algodão, e o norte, formado, pelo contrário, pelo crescimento industrial, baseado em uma política liberal-democrática com predominância de trabalhadores livres e consumidores dos produtos industrializados.

Essa separação não agradava muito aos estados do Norte. No discurso de candidatura de Abraham Lincoln, em 1858, ele dizia: “Uma casa dividida contra si mesma não subsistirá. Acredito que esse governo, meio escravocrata e meio livre, não poderá durar para sempre. Não espero que a União se dissolva; não espero que a casa caia; mas espero que deixe de ser dividida. Ela se transformará só numa coisa ou só na outra”⁷

Com a eleição de Abraham Lincoln em 1860, os Estados do Sul, tementes de uma ameaça à sua autonomia e interesses, bem como ao sistema escravista, decretaram a sua separação (sua secessão) da União, formando os Estados Confederados da América⁸. Iniciava-se, assim, a famosa Guerra Civil Americana.

No meio da Guerra Civil Americana, em 1863, Lincoln declarou a *Proclamação de Emancipação* dos escravos do Sul. No entanto, essa emancipação não foi seguida com medidas governamentais de proteção e ajuda aos ex-escravos, fazendo com que permanecessem à margem da sociedade. Houve forte reação do Sul contra a emancipação, fato que culminou com o surgimento de sociedades secretas como os Cavaleiros da Camélia Branca e a Ku Klux Klan, como indicamos, que empregavam a violência para perseguir os negros e defender a segregação racial.

“coerção permanente”, não se resumiram a apenas uma vida doméstica de assimilações culturais passivas. Tanto os processos de mudanças políticas como culturais viveram sob permanentes lutas, com freqüentes revoltas por parte dos negros (RIBEIRO, 1995).

⁷ Discurso da Casa Dividida, proferido por Abraham Lincoln (que mais tarde viria a se tornar Presidente dos Estados Unidos da América), em 16 de junho de 1858, em Springfield, ao aceitar a indicação do Partido Republicano de Illinois para concorrer ao Senado

⁸ Os Estados Confederados da América foi encabeçado pela Carolina do Sul e após a posse de Abraham Lincoln, já aglomerava 11 estados (Virgínia, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Geórgia, Flórida, Alabama, Mississippi, Louisiana, Arkansas, Texas e Tennessee)



Peter, um escravo de Baton Rouge, Louisiana, em 1863.
As cicatrizes são resultado das chibatadas de seu capataz.

Após o fim da escravidão, houve medidas para tentar manter os direitos civis dos afro-americanos por alguns anos. No entanto, não existiam reais possibilidades de mudança na condição social e os ex-escravos acabaram sendo relegados ao trabalho agrícola, muitas vezes trabalhando para os seus antigos senhores, sob um sistema de endividamento. Pacheco, autor de "O problema do racismo nos Estados Unidos" salienta que "a terminação oficial da escravidão não significou o fim dos preconceitos racistas dos brancos com relação aos negros. Não significou tampouco que os escravos libertos tivessem os recursos necessários para agir independentemente" (PACHECO, 1983, p. 48). E acrescenta: "doze anos depois do fim da Guerra de Secessão, o governo federal lavou as mãos, desistindo de intervir nos problemas do sulista negro, chagando mesmo a declarar ao Sul que poderia fazer o que quisesse com o negro" (idem, p. 50).

Mais tarde, em 1963, Martin Luther King (Geórgia, 1923-1968) – homem nascido em estado vizinho ao lugar e a época do filme –, na lendária marcha pelos direitos civis rumo a Washington em 1963, declarava: "Não haverá tranquilidade nem sossego na América enquanto o negro não tiver garantidos os seus direitos de cidadão... Enquanto não chegar o radiante dia da justiça... A luta dos negros por liberdade e igualdade de direitos ainda está longe do fim" ⁹. Vozes como estas demonstravam como após cem anos da declaração da emancipação, os negros ainda não conseguiam ter os seus direitos reconhecidos e legalizados.

Trier constitui, de tal maneira, uma obra bastante reflexiva e crítica para debater a problemática da transição do sistema escravista para o democrático nos EUA. Cinema inovador – que se aproxima do teatro, da literatura, da mímica e do minimalismo –,

⁹ Discurso de Martin Luther King, Jr. em Washington, D.C., em 28 de Agosto de 1963. Discurso completo acessível pelo site "Porta da História" (<http://www.arqnet.pt/porta/discursos/agosto05.html>)

Manderlay é o avesso de o universo especular de Hollywood¹⁰. Sua forma estética estabelece o espaço simbólico e nos deixa explícito o quanto o pouco, bem usado, é muito e intensifica a nossa imaginação.

Cinema teatral – o filme de Trier é uma contemplação amargurante. Predomina a atuação gélida dos personagens. E, longe de cativar o público por sua leveza, o cinema de Trier possui, em essência, o caráter dramático de um conto, adulto e sem final feliz. Enfim, cinema que é também político – sendo um dos grandes cineastas europeus que nos aproxima hoje da relação entre a arte e a política (que, em outros tempos, era muito bem representado por vários nomes, como o francês Godard, o russo Tarkovsky, o polonês Polanski ou o italiano Scola, nos anos 1960 e 1970).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DELEUZE, Gilles,. **L'Abécédaire de Gilles Deleuze**. Paris: Editions Montparnasse, 1997. Tradução integral do vídeo para fins didáticos disponível em: www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/abc.prn.pdf. Consultado em: 12/04/2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Editora Record, 34ª edição, Rio de Janeiro, 1998.

PACHECO, Josephine Fennel. **O Problema do Racismo nos Estados Unidos**. Imprensa da Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 1983, p. 48.

REGO, José Lins do,. **Menino de engenho**. José Olympio, 62ª edição, Rio de Janeiro, 1995.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

Discurso de Martin Luther King, Jr. em Washington, D.C., em 28 de Agosto de 1963. Discurso completo acessível pelo site "Porta da História" (<http://www.arqnet.pt/portal/discursos/agosto05.html>). Acessado em 10/07/2010.

LARS VON TRIER. Manderlay. Distribuidora: Califórnia Filmes, Dinamarca, França, Alemanha, Holanda, Suécia, Inglaterra, 2005.

¹⁰ Lars Von Trier é um dos fundadores do movimento dinamarquês chamado "Dogma 95", que busca, entre outras coisas, uma estética mais simples e próxima do natural.